

FRAGMENTOS DE CORPOS MARGINAIS: DANÇANDO POSSIBILIDADES DE DESENLOUQUECIMENTO COLETIVO

Andreia Fragoso (Andreia Frag)¹

Resumo: A presente pesquisa pretende investigar, através do movimento, de experiências de campo e referências bibliográficas e artísticas, possibilidades de dançar inquietudes e dilacerações de um corpo, um corpo marginal, que transborda dores, revoltas e procura por meio de um viés poético-político, encontrar meios de dar voz a outros corpos marginalizados que se aproximaram e que me aproximo em minha trajetória pessoal e profissional. Marginalidade que no decorrer da história esteve diretamente relacionada aos mecanismos de exclusão social, dentre eles a institucionalização compulsória que estigmatiza esses corpos como loucos, degenerados, alienados e não adequados ao meio social. Busco o apoio de autores e artistas que tratam na dança e a dança como uma micropolítica social, que na medida em que anuncia/denúncia no corpo as marcas de um sistema sociopolítico perverso de dominação, também pode provocar rachaduras na percepção daqueles que se conectam com ela e, quiçá, mobilizar micro movimentos corporais, sociais e políticos que ampliem a borda desta rachadura. Danço aqui à procura de possibilidades de desenlouquecimento desse sistema desumano, que possui como objetivo atender aos próprios interesses e perpetuar seu poder de dominação e opressão.

Palavras-chave: Dança; Corpos marginalizados; Enlouquecimento; Desenlouquecimento coletivo.

FRAGMENTS OF MARGINALIZED BODIES: DANCING POSSIBILITIES FOR THE COLLECTIVE UNMADDENING

¹ Artista docente e pesquisadora atuante nas áreas de Dança, Teatro e Performance. Atua profissionalmente com arte-educação, dramaturgia cênica e produção cultural. Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Dança pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/FAP. Trabalha como professora de Dança e Teatro em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba. Sua trajetória inclui experiência em direção de espetáculos de Dança e Teatro, produção cultural, participações em eventos culturais e projetos socioeducacionais. E-mail: frag.andreia@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6162815616100416>

Abstract: The present research intends to investigate, through the artistic bibliography field and demonstration of references, possibilities for dancing the restlessness and lacerations of a body, a marginal body, that overflows with pain and repulsiveness, looking for a poetic/political path to find ways to give a voice to other such bodies, aligned with my personal and professional trajectory. Marginality, that throughout history has been directly related to mechanisms of social exclusion, like compulsory institutionalization that that stigmatizes these bodies as crazy, degenerate, alienated and not suitable for the social norm. I seek the support of authors and artists who use dancing and the dance as a social micropolitic, that through the process of announcing/denouncing the scars of the bodies of a wicked dominant social political system, can also provoke cracks in the perception of those who are also connected to it, and perhaps would mobilize micro body, social and political movements to enlarge such cracks. I hereby dance looking for possibilities of unmaddening this inhumane system, which exists to perpetuate its own interests, power, dominance, and oppression.

Keywords: Dancing; Marginalized Body; Madness; Collective unmaddening.

1 Fragmentos sanguíneos

Brasil e África, indígena e preta, criada como pessoa branca, devido à rejeição familiar à nossa origem, começo este trabalho falando da minha ancestralidade que, durante esses 35 anos de existência, se confundiu e desconfundiu, se confundindo mais ainda sobre quem sou. Parto das minhas raízes para tentar chegar próximo de uma possível dança que traga essas marcas que estão em meu corpo desde antes do meu nascimento. Marcas que não são só minhas, mas que, também, são de gerações de grupos reprimidos, violentados e subjugados no decorrer da história branca-ocidental.

*Tupã é o meu rei, Oxossi é rei também
Sou filha de Jurema e de Tupi. Sou filha de Tupã, Cabocla
Guaracira²*

Figura 1 - Madrinha Véia e Padrinho Véio³



Fonte: Álbum de Família. Acervo da autora

Família sanguínea oriunda da região conhecida por Região do Contestado, leva esse nome devido aos conflitos territoriais entre Estado e nativos no período de 1912 e 1916, que ficou conhecida como Guerra do Contestado. Minha tataravó era indígena nativa (conhecida pela família como bugre) e foi “laçada no mato por um homem branco para ser domesticada”⁴. Meu avô contava que na época do Contestado, meu bisavô e alguns de seus irmãos fizeram parte do conflito e, naquele momento, ainda estavam do lado dos nativos, tentando garantir o seu território que estava sendo retirado pelo governo para a colonização de imigrantes europeus com finalidades de exploração da terra e de mão de obra escravizada.

² Ponto de Umbanda.

³ Meus bisavós maternos.

⁴ Entrevista realizada com João Batista Fragoso (tio de 1º grau).

Trago estas referências para aprofundar histórico, político e culturalmente o processo colonizador opressor, base de construção da minha identidade.

No sul do Brasil, o caboclo foi tratado como homem pobre, lavrador que enfrentou diretamente o processo de colonização devido à chegada de imigrantes europeus na região. Desconsiderando o processo de colonização baseado na violência promovida a partir das grandes fazendas de criação de gado e da cultura liberal capitalista, o povo do Contestado formava pequenas comunidades e vivia segundo valores herdados das culturas indígenas, africanas e europeia-cristã. Na construção do estereótipo racial na região contestada, foi indispensável relembrar da expulsão dos indígenas de suas terras de origem: À medida que o homem branco foi descobrindo novas terras ao sul do país ocorreu a dizimação do povo nativo [...] normalmente, a população “branca” procedia à eliminação dos bugres das regiões recém-ocupadas, como forma preventiva de limpeza de terreno. (Jacobsen, 2019, p. 100)

Figura 2 - Casa Vêia da Cachoeira⁵



Fonte: Álbum de Família. Acervo da autora

Dada a minha origem, continuo mais um pouquinho da minha história, criada na periferia, numa ocupação irregular, favela, acolhida por uma família preta, pobre e com educação patriarcal católica tradicional. Histórico de abuso sexual, violência doméstica, abandono afetivo, autoflagelação, depressão, medicação controlada. Busco incansavelmente por uma identidade que me represente e não seja o reflexo estigmatizado dos padrões estabelecidos por aqueles que insistem em instaurar as regras do que é válido ou não para a sociedade normativa contemporânea.

⁵ Casa dos meus avós durante muitos anos, onde tiveram todos os 9 filhos

“Sou preta há 5 anos”, ouvi isso uma vez numa palestra de direitos humanos dentro da Universidade e, como quase todo o público ouvinte, fiquei intrigada com a afirmação. Hoje, reconhecendo a minha ancestralidade e histórico familiar, compreendo e me identifico com esta fala.

Eu sou preta há 5 anos. Sou preta porque me reconheço no corpo que tenho, com marcas, internas e externas e, também, porque encontrei corpos como o meu, no qual pude me aproximar de histórias e me reconhecer, aos poucos, no que antes acreditava que era individual e só no decorrer dos anos pude ver como é coletivo.

Você tem uma gama enorme de classificação, e nada mais que um estilhaçamento da identidade da etnia. Isto é, você estabelece um continuum de cor e quanto "mais clarinho" você for, mais próximo está do poder. As pesquisas demonstram que há cerca de 130 classificações para as pessoas negras no Brasil: preto, azul-marrom, marrom, mulato claro, pardo, branco manchado, tinta fraca, moreno escuro etc. Tudo isto é um modo de divisão, aí me recordo de Simone de Beauvoir que diz que "a gente não nasce mulher, a gente se torna mulher". Penso da mesma maneira em relação ao negro. A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente a fora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade Negra não é uma coisa pronta acabada. (Gonzalez, 2018, p. 373)

A repressão histórica vivenciada pelas gerações anteriores na minha família me fez compreender o porquê de tal falta de aceitação de nossas origens, tentando cada vez mais se aproximar de uma realidade utópica estabelecida pela heteronormatividade branca que está no poder, com políticas de embranquecimento e invisibilização das culturas negras e nativas.

Sentimentos de inferioridade e outras subjetividades são construídas política e culturalmente para continuar o processo de colonização através de ideias, uma exploração/escravização por meio de implementação de legislações e mídias manipulativas que contemplam a supremacia hierárquica já estabelecida desde as origens deste sistema socioeconômico perverso que ainda perdura.

Figura 3 - Natalício Bertulino da Maia⁶

⁶ Irmão da minha avó materna



Fonte: Álbum de Família. Acervo da autora

O trocadilo maldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o quê que ele fez? Mentir pros homens, seduzir os homens, cegar os homi, incentivar os homi e depois jogar no abismo. Foi isso que ele fez. Entendeu? (Estamira, 2004)

O desejo de ser branco, de ter bens materiais (como os brancos), ter uma “vida boa” (como os brancos), um “futuro garantido” (como os brancos), são reflexos do sistema escravista que, após a abolição, alterou a forma da escravização, mas a lógica permaneceu a mesma. Os modos de agir, sentir e pensar se estenderam ao longo dos anos, se perpetuando e se atualizando conforme as novas necessidades do sistema. Sobreviver neste espaço-tempo esteve sempre condicionado à forma de se adaptar, de modo a garantir as necessidades básicas de vida (mascarada de meritocracia) e, também, de se relacionar, num espelho que reflete os mesmos pensamentos individualistas, rígidos, indiferentes afetivamente, indicando que para “ser alguém na vida” é preciso se aproximar dessas “qualidades” da lógica estrutural.

Isso aqui é um disfarce de escravo. Escravo disfarçado de liberto, de libertado. A Isabel, ela soltou eles, né? E não deu emprego pros escravos, passam fome, come qualquer coisa, igual os animais. Não tem educação. É muito triste. (Estamira, 2004)

Conheci bell hooks num desses momentos em que me questioneei quem era e de onde vim e pra onde vou, recebi como um presente o *Vivendo de Amor* (2010), no qual pude encontrar referências sobre essas indagações, além da identificação com a representatividade preta e marginal, me levando a olhar através de outras perspectivas para minha vida pessoal, artística e profissional.

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos [...] como estratégia de sobrevivência. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura. [...] No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Geralmente enfatizam nossa capacidade de "sobreviver" apesar das circunstâncias difíceis. [...]

Numa sociedade racista e machista, a **mulher negra** não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. Onde **está o amor**, quando uma mulher negra se olha e diz: "Vejo uma pessoa feia, escura demais, gorda demais, medrosa demais - que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo". **Ou talvez**: "Vejo uma pessoa tão ferida, que é **pura dor**, e não quero nem olhar pra ela porque não sei o que fazer com essa dor". (hooks, 2010. Grifos meus.)

Trago algumas citações que me nutrem e me impulsionam a refletir sobre possibilidades de transformações, micros e macros, individuais e coletivas, sobre amor e sobre políticas, sobre como posso contribuir com a arte, que não é minha, mas é de todo meu povo que, como eu, se sente marginalizado. Este memorial é um pequeno esboço de possíveis estratégias de desenlouquecimento, de afetos e de construções de novas memórias.

2 Corpos marginais

Eu transbordei de raiva, de ficar invisível com tanta hipocrisia, perversidade, com tanto trocadilho. (Estamira, 2004)

2.1 Corpo lixo

Estamira, documentário brasileiro dirigido por Marcos Prado, 2004. Há alguns anos, assisti este documentário que me sensibilizou e conectou com vários temas pessoais. Quando começo a investigar os meus processos artísticos criativos dentro da universidade, me aproximo cada vez mais desta mulher, Ser Estamira.

Figura 4 – Estamira

Fonte: Documentário *Estamira* (2004)

Ao mobilizar questões que me tocam e que quero tocar, entro no universo apresentado por ela neste documentário, seja por questões traumáticas que se assemelham às minhas, seja pelo seu discurso político filosófico. A partir daqui, desenvolvo um maior interesse nas áreas psicológicas e psiquiátricas, e encontro mais documentários: *Holocausto Brasileiro* (2016), direção de Daniela Arlex e Armando Mendz, baseado no livro homônimo da diretora; *Em Nome da Razão* (1979), dirigido por Helvécio Rattton. Além dos filmes: *Bicho de Sete Cabeças* (2001), dirigido por Laís Bodanzky; e *Nise - O Coração da Loucura* (2016), dirigido por Roberto Berlinder. Este filme em especial trata a questão da arte desenvolvida pela psiquiatra brasileira Nise da Silveira dentro de um hospital psiquiátrico. As relações arte/loucura, consciente/inconsciente, passam a me interessar cada vez mais.

Juntamente com isso, as questões de marginalidade social apresentadas por *Estamira* também me interessam. Algumas leituras que tive contato no meio acadêmico, desde a minha primeira formação em Pedagogia, em 2004, me permitiram refletir sobre questões de classe e de dominação, como Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Karl Marx, Augusto Boal, Paulo Freire, dentro das áreas sociais, educacionais e artísticas. Especialmente Augusto Boal (1931-2009), com o *Teatro do Oprimido*⁷ (1975) aparece pra mim como primeiro contato concreto (durante a formação no Curso Técnico de Teatro, em 2010) da arte enquanto mecanismo mobilizador de estruturas sociais.

Associo as questões psicológicas, sociais e artísticas, sendo estas áreas que têm permeado a minha formação pessoal e profissional, com o intuito de

⁷ BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

investigar possibilidades em dança e na dança de como memórias traumáticas que trago em meu corpo ao longo de minhas experiências reverberam artisticamente, através de uma poética política. Por meio de procedimentos metodológicos teórico-práticos, procuro realizar reflexões na busca de um corpo cada vez menos estigmatizado em suas ressonâncias. Estas que também possam ser mobilizadoras de estruturas determinantes produtoras de desigualdades, discriminações e preconceitos construídos e reproduzidos social e culturalmente. Busco por um corpo artístico, poético-político, individual e coletivo, que possa estar atento às condições estruturais de opressão e da violência social.

Através dos processos investigativos propostos neste trabalho, procuro associar a minha experiência empírica de um corpo marginal que dança de modo a abrir fissuras no enraizamento dos parâmetros do sistema socioeconômico vigente, na medida em que buscarei dançar-me, dançar-nos com os reflexos da perversidade deste sistema em mim, em nós.

2.2 Vou explicar para vocês tudinho agora

Cegaram o cérebro, o gravador sanguíneo de vocês e o meu eles não conseguiram. É, a bronca deles é essa, do trocadilo! Ele é tão poderoso ao contrário, que eu, até depois de a carne velhinha desse jeito, feia desse jeito, boba desse jeito, ele ainda quer mais. Ai, ai. (Estamira, 2004)

Para justificar esta pesquisa poderia trazer dados estatísticos sobre a violência no Brasil, sobre onde ela está instalada e a quem está direcionada, poderia apresentar um mapeamento da saúde mental dessas populações e o acesso (ou falta de acesso) às condições básicas de existência, de saúde, educação, cultura, afeto. Entretanto, utilizo este espaço na tentativa de me aproximar de outras pesquisas marginais, que dançam querendo se encontrar para se fortalecer, para não deixar morrer a voz que canta um lamento numa noite fria com a barriga vazia.

A dança de corpos marginais vem no intuito de descobrir-se a si, dançar-se a si num processo investigativo na busca pelo seu próprio reconhecimento enquanto potência artística, na medida em que provoca o transbordar de

memórias individuais e coletivas dentro de campos psíquicos, sociais e culturais. Deste modo, percebo como adentro em minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional na tentativa de vomitar aquilo que me sufocou durante tanto tempo. Trabalhos como arte-educadora, professora de dança e teatro em comunidades periféricas; em projetos de erradicação do trabalho infantil com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade; em centros de atenção psicossocial no tratamento com usuários de álcool e outras drogas e prevenção do uso de drogas com adolescentes marginalizados; em centros especializados de referência social com grupo prioritário de idosos que sofriam abusos e maus tratos por familiares e/ou responsáveis; em clínica de atendimento personalizado à crianças sob medida protetiva de abrigo em casa-lar e/ou família social; e agora mais recentemente, com grupos de adolescentes em internamento compulsório judicial por uso e/ou tráfico de drogas; são alguns dos ambientes dos quais meu corpo adentrou, permaneceu e reverberou o que através desta pesquisa tento colocar.

Proponho esta pesquisa porque preciso dela para continuar existindo e resistindo, porque com ela me aproximo das crianças, adolescentes, adultos e idosos com os quais já vivi e trabalhei e trago um pouco dos seus gritos e delírios também. Quero dançar aquilo que não se expressa através de outra linguagem que não seja a própria dança, com todas as dúvidas, medos, contradições e sonhos. Quero desenlouquecer desse sistema doentio, convidando outros corpos marginais para estarmos juntos, juntas, juntas.

Figura 5 - Internos do Hospital Colônia em Barbacena – MG



Fonte: Luis Alfredo - Ayuntamiento de Barbacena (1959)

2.3 Perturbada, mas lúcida

Estamira Gomes de Souza, três filhos, há mais de vinte anos vivendo do que recolhe no Lixão de Jardim Gramacho,

Situado no município de Duque de Caxias - RJ, beirando as águas da baía de Guanabara e rodeado por uma pequena favela [...] O lixão ocupava uma área de 1000 metros quadrados e formava uma enorme montanha de lixo que se via há quilômetros de distância. Ali, 85% do lixo urbano produzido na cidade do Rio de Janeiro eram despejados todos os dias há mais de 25 anos. (Prado, 2004, p. 09)

Esta é a minha principal referência, enquanto ser humano, mulher, mãe, louca, lúcida. Uma catarse identitária que se relaciona e se embrenha em todos os âmbitos da minha existência, dentro e fora de mim, como sujeito, sujeita, como classe social/econômica, identidade preta, indígena, como artista, filósofa, militante, ser inter-relacional com a natureza, a cultura e a sociedade.

Estamira, revelada para o mundo através do documentário de Marcos Prado (2004), revela, também, em sua fala a hipocrisia e a perversidade da sociedade capitalista contemporânea, como já o fazem diversos intelectuais e movimentos politizados de luta e resistência sociais. Entretanto, ela o faz de modo simples, direto, e ainda, com um laudo psiquiátrico de esquizofrenia, além de outros CID's (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), o que a justifica como portadora de sofrimento mental, medicada sob efeito de psicofármacos que a deixam 'fora de si' e, portanto, sem necessidade de ser levada a sério ou sequer ouvida em suas problematizações, especialmente sobre a sua própria condição de sanidade mental.

Recuamos assustados salvando-nos do abismo ao inserir entre nós e Estamira a pergunta: Por quê? Por que ela ficou assim? Talvez os acontecimentos ou a genética expliquem sua loucura. Os dados poderiam nos tocar: mãe esquizofrênica, marido violento que a obriga a internar a mãe e que, após anos de agressões, a abandona com dois filhos, estuprada, pobre. Tudo isso levaria a um "ela sofreu demais", para explicar a loucura da mãe. Mas, no filme, as lembranças às vezes dizem muito, às vezes nada. (Vieira, 2007 p. 5-6.)

Nesse contexto, Estamira compartilha o seu mundo, o seu modo de ver, sentir, ser, estar. Adentro em seu território na medida em que há o choque, a

desestabilização a partir dos seus discursos que apontam, denunciam, criticam: “sem prevaleção, sem repugnância, com muito orgulho, com muita honra [...] porque posso, porque sei, consciente, lúcido e ciente” (Estamira, 2004). E a partir daí, mergulho com ela em seu/nosso delírio de ressignificar o mundo e minhas/nossas ações diante dele para continuar resistindo e existindo na carne.

Estamira produz o delírio como solução, mas não só. Ela também produz uma solução que não passa pela recriação do mundo, mas por um fazer. A cada dia em que transmuta lixo em dinheiro, ela produz para si um lugar no Outro sem precisar lhe impor o que quer que seja em termos de sentido [...] essa operação lhe permite conectar e estabilizar coisas, não apenas por lhe propiciar algum dinheiro, mas também por produzir uma estabilidade no discurso. (Vieira 2007 p. 10-22)

Deste modo, correlacionando Estamira aos meus processos criativos, revivo e re-crio minha própria experiência traumática em arte, embasada em teorias e experiências das áreas de dança, sociais e psicológicas.

Para essa discussão trago a autora Suely Rolnik (2007; 2003), que faz um aprofundamento na relação corpo/psicanálise/sociedade, fazendo uma ponte entre o contexto, a história social e a construção dos corpos. Trata de estruturações sociais e econômicas que pautam o modo como o indivíduo é afetado em suas relações e, a partir daí, como se dá o processo de subjetivação e, conseqüentemente, de possibilidades de criações/pensamentos corporais que se desencadeiam. Mais especificamente, me interessa pesquisar sobre as relações repressoras e traumáticas que se dão na vida dos sujeitos e o estado de vibratibilidade que este corpo se encontra para pensar o processo artístico/criativo.

Cabe lembrar que o surgimento de uma questão se dá sempre a partir de problemas que se apresentam num dado contexto, tal como atravessam nossos corpos, provocando uma crise de nossas referências. Pensamos/criamos porque algo de nossas vidas nos força a fazê-lo para dar conta daquilo que está pedindo passagem em nosso dia a dia. Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal, é a tensão deste paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência do pensamento/criação, na medida em que as novas sensações que se incorporam à nossa textura sensível são intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Por esta razão elas colocam em crise nossas referências e impõem a urgência de inventarmos formas de expressão. O exercício do

pensamento/criação tem, portanto, um poder de interferência na realidade e de participação na orientação de seu destino, constituindo assim um instrumento essencial de transformação da paisagem subjetiva e objetiva. (Rolnik, 2006, p. 1-3)

O processo de subjetivação na sociedade contemporânea está pautado no sistema vigente do capitalismo neoliberal, o qual cria um modelo de subjetividade homogeneizada cuja formação tem como princípio organizador a produção de mais-valia. Estas subjetividades produzidas são adequadas aos modelos de esferas criadas para a manutenção do capital. E, também, são facilmente assimiláveis, visto que para a reprodução do sistema são preciso o pensamento não crítico e o consumo exacerbado, viabilizados pelas grandes mídias marqueteiras que se apropriam da cultura popular e dos modos de produção, a fim de manipular os ideias e as ações da sociedade (Rolnik, 2003).

A formação da subjetividade criada pelo sistema nos coloca a necessidade de estarmos dentro dos padrões estabelecidos como ideais. A não permanência ou a não aceitação deste padrão que nos coloca à margem, constrói o que Rolnik (2003) irá chamar de subjetividade-lixo.

O estado de vibratilidade desses corpos que se encontram com estas subjetividades-lixo, com todas as suas potências retiradas, apagadas, anuladas, é que me interessam, com o propósito de arrancá-las com a própria unha da carne que nos foi roubada. O que as subjetividades-lixo tem para dizer? Quais os seus medos, desejos e pensamentos mais profundos? Que arte pode ser encarnada nesses sujeitos-lixo? O meu/seu/nosso corpo-lixo com minha/sua/nossa subjetividade-lixo se encontram neste aterro sanitário mental, com chorume fétido e pútrido das carnes azedas que nos lançaram pra cá.

Eu não gosto de falar lixo não, né? Mas vamos falar lixo. É cisco. É caldinho. É fruta; é carne; é plástico fino; plástico grosso, e aí vai azedando; é laranja; é isso tudo. E aí imprensa, azeda, fica tudo danado e faz a pressão também. Vem o sol, esquenta, mais o fogo debaixo. Aí forma o gás. Ele é forte; ele é bravo. Tem gente que não se habitua com ele; não dá conta. É tóxico. (Estamira, 2004)

3 Documentário poético-performático

A escolha do formato artístico desta pesquisa se deu pelo desejo de registrar os processos investigativos em campo que se deram de forma corporal, pensados a partir das pesquisas teóricas e, também, da minha representação quanto às sensações que me habitam. Deste desejo realizamos⁸ as gravações que vieram a compor o que chamamos de *Documentário Poético Performático*. Esta classificação se deu a partir da referência de Bill Nichols⁹ (2005) que enfatizou seis tipos de documentários a partir de determinadas formas de ver o mundo histórico: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático (Oliveira; Marques, 2016, p. 02). Assim, a proposta artística se definiu como *Documentário Poético-Performático* por apresentar características compostas nessas definições.

O documentário poético recebe influência das vanguardas e possui uma estética e narrativa mais expressivas. A realidade é utilizada como matéria-prima, porém apresenta outros elementos como a música, a fotografia e o tempo para compor a ideia a ser transmitida. Segundo Oliveira e Marques (2016) o documentário performático tratará de questões da subjetividade social depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Este tipo de documentário surgiu por intenção da forma libertadora de abordar temas mal representados como o da *minorias social*. “Mostra claramente o lado da classe dominante e da classe oprimida e sobre ideologias que a classe privilegiada estimula passar sobre determinadas questões sociais que propicia representações distorcidas sobre a realidade em que vivemos” (Oliveira; Marques, 2016, p. 05). Apesar de ser semelhante ao modelo poético, o documentário performático aborda cenas criadas e cenas da realidade possibilitando que o público seja conduzido de forma mais emocional.

3.1 Vocês não aprendem na escola, vocês copiam

⁸ Digo que realizamos no plural, pois este trabalho documentário se fez com o auxílio de uma equipe formada pelo artista e amigo Matteo Nanni e minha esposa e artista Steh S.

⁹ Professor da San Francisco State University, crítico de cinema e pensador em estudos de cinema nos Estados Unidos. É conhecido como o fundador do estudo contemporâneo do documentário.

Vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto com 2 anos que já sabe disso. Tem de 2 anos que ainda não foi na escola copiar hipocrisias e mentiras charlatais. (Estamira, 2004)

A abordagem metodológica se realizou a partir de leituras e vídeos, assim como de exercícios de improvisação que puderam trazer à consciência memórias traumáticas registradas no meu inconsciente e no inconsciente coletivo marginal. A reverberação de sensações sinestésicas e cinestésicas da convivência com outros corpos marginalizados, tanto da minha experiência anterior como, também, de uma investigação em campo nas ruas, hospitais psiquiátricos desativados e ativos, além de entrevistas, também fizeram parte da metodologia. Na investigação em dança, as percepções estimuladas pelas situações empíricas foram estudadas por meio de repetição, insistência, permanência e transformação do movimento. A exploração da relação da violência social com as violências corporais vividas pelos corpos marginalizados, aconteceram com práticas de movimento que possuíam variação de tons muscular, desequilíbrios, torções, rastejamentos, explosões e testes de limites do corpo. A presença de estímulos sonoros, tanto ancestrais como batuques dos povos originários indígenas e africanos, como de música contemporânea de artistas brasileiros negros, além de música clássica europeia, também foram investigados.

A proposta artística deste trabalho aconteceu por meio de gravações documentárias tanto de espaços visitados quanto da experiência corporal que me propus em campo. Os espaços investigados foram o antigo Hospital Psiquiátrico Bom Retiro – Curitiba/PR (desativado), Hospital Psiquiátrico N. Sra. da Glória - Curitiba/PR (desativado) e o Hospital Psiquiátrico San Julian – Piraquara/PR (ativo), nos quais estudei os enunciados do sistema de dominação, que incide nas subjetividades e na materialidade concreta da violência aos corpos marginais, vulnerabilizados por este próprio sistema que busca a sua manutenção.

Na medida em que eu, enquanto propositora desta pesquisa, me encontro nos moldes desta marginalidade e violência, procurei investigar em mim, em minhas feridas que permanecem abertas a possibilidade de uma reinvenção de significados dentro do meu território que possa se expandir artística e performaticamente na sociedade. Dançar (n)este território reinventado solicitou

um debruçar sobre o conhecimento do corpo em suas implicações que vão desde a própria estrutura anatômica, física e psíquica, até as relações culturais, políticas e sociais. Demandou um entendimento de corpo e dança que não se desmembra, que ao contrário, se solidifica e se torna cada vez mais complexo de explorar.

3.2 Você sabe o que é um transbordo?

O além dos além, vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além. O além dos além é um transbordo. Você sabe o que é um transbordo? Bem, é toda coisa que enche, transborda, então o poder superior real, a natureza superior contorna tudo pras reservas, é lá nas beiradas. (Estamira, 2004)

Sobre suspender o tempo para se olhar, se sentir, se permitir. Sobre estar presa num *looping* ininterrupto sem saber como se soltar. Sobre costurar a própria pele para parar de sangrar. Sobre colocar sal na ferida aberta, para acabar mais rápido a dor. Sobre precisar sair de dentro do túnel para não ser esmagada pelo trem. Rodeio os fragmentos de um corpo despedaçado, que tentando ser inteiro novamente re-cria o seu universo. Tudo cai, meu corpo cai, meus pedaços giram a minha volta sem que eu possa alcançar. Quando chego no fundo do buraco, o impacto me desfalece. Acordo, ainda tonta, não me reconheço, não sei onde estou.

Figura 6 - Túnel Roça Nova (Piraquara - PR)



Fonte: Steh S (2021)

Trago um corpo emaranhado, vertiginoso que num lapso fora do tempo, no vão entre o inspirar e o expirar, se suspende em si, e começa a se des-tensionar. Músculos enrijecidos, atrofiados que começam a se desemaranhar. E, ao mesmo tempo, a se embrenhar nos seus próprios pedaços que lhe foram arrancados, olhando, cheirando, tentando se re-encontrar. Suas memórias, agora teorizadas, vão poder ser e estar. Possibilidades de discursos poéticos, políticos, alucinados, dilatados na existência fantástica de um corpo colapsado querendo descobrir-se a si, dançar-se a si num processo investigativo na busca pelo seu próprio reconhecimento enquanto potência artística na medida em que provoca o transbordar de memórias individuais e coletivas dentro de campos psíquicos, sociais e culturais. Desdobrar de memórias, que se associam aos desejos de criar espaços onde corpos marginalizados, atrofiados, embriagados, possam se expressar.

Figura 7 - Hospital Psiquiátrico Bom Retiro (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni, 2021

Meu trauma, nossos traumas, não está só na minha mente, não estão só em nossas mentes,
nem somente na parte do meu corpo, nem somente nas partes dos nossos corpos em que fui violentada, em que fomos violentadas.
A minha respiração, a nossa respiração, meu tom de voz, nosso tom de voz, tudo está envolvido de todas as experiências que já tive,
tudo está envolvido de todas as experiências que já tivemos,
não só traumáticas, não só traumáticas,
mas tudo que já vivi até hoje, mas tudo que já vivemos até hoje.

Figura 8 - Hospital Psiquiátrico Bom Retiro (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni, 2021

A loucura é construída socialmente (Foucault, 1978) dentro de um sistema de padronização e normatização que vai dizer o que é certo/errado, bom/mal e tudo aquilo que não está dentro desse padrão de normatização não é aceito e, portanto, precisa ser excluído de alguma forma.

Temos uma imagem muito clara de como o louco foi criado ao longo da história, ele num momento era bem recebido, e servia a caridade, e a filantropia, em seguida este mesmo indivíduo é expulso das cidades pela mesma condição que antes era bem-vindo, ele torna-se um “outsider”, um sujeito sem lugar [...] que expulso da sua terra, também não é bem-vindo na nova terra. Agora este sujeito se destaca nas cidades e se transforma num caso de polícia, que para desodorizar as cidades, torná-las cada vez mais ‘limpas’, aloca-se este indivíduo dentro destas casas de correção, ou hospícios. [...] a busca incessante pelos a-sociais, pela limpeza das cidades, um gesto que isola o indivíduo desempregado, pobre, estranho, o transforma num sujeito irreconhecível, um sujeito que não reconhece mais a sua própria imagem diante do espelho, este gesto cria a alienação. (Feier, 2014, p. 121-135)

Figura 9: Ilustração de Alessandra Nara, para TCC (2021)



Fonte: Poesia autoral, 2020

Corpo dançando, corpo marginalizado, corpo à margem, excluído, rejeitado, não aceito, jogado para as bordas, para a margem do lixo. Corpo Lixo, era como eu me sentia, me sentia um Lixo. Estamira, pessoa comparada com o Lixo, entendida como não útil para a sociedade.

Figura 10 - Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Glória (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni e Steh S. 2021

PESSOa CORPO LIXO MARGEM BORDA REJEITO
 RESTO DE PÓSITO SOCIEDADEe... TROCA DILO
 MARGINAL MENOSPREZODENÚNCIA FORA FORA
 foRa

Essa sociedade fez isso com meu corpo, fez comigo, essa sociedade faz isso às pessoas marginalizadas. É isso que acontece, aquilo que não se vê, a sociedade afasta para não ver. Ela *não vê*, mas continuamos existindo já nesse ponto de loucura, já nesse ponto do não aguentar mais. Já sofri, já quase morri. Mas continuo existindo e tentando encontrar formas de continuar sobrevivendo mediante essas normatizações, essas pressões, esses enquadramentos que são impostos e que, às vezes, eu mesma me coloco pra fugir mesmo, porque às vezes não dou conta de estar. Então, quando tudo é tirado da gente quais as formas de sobreviver? Sabe aqueles pequenos momentos sociais onde a gente poderia estar compartilhando com as pessoas? Eles nos são privados, não são permitidos. Então como que faz? Gritos de desespero, agressividade mesmo, vitalidade represada. Pulsões de vida, aquilo que é essência já não é mais permitido para gente. Esse lugar de des-conexão, de corte, é de pirar mesmo, se pira completamente por não ter espaço.

NÃO TEM ESPAÇO PARA MIM AQUI. NÃO CONSIGO RESPIRAR
NÃO TEM ESPAÇO PARA MIM AQUI. NÃO CONSIGO RESPIRAR

Figura 11 - Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Glória (Desativado)



FOTOS: Matteo Nanni e Steh S. 2021

NÃO TEM ESPAÇO PARA MIM AQUI. NÃO CONSIGO RESPIRAR
NÃO TEM ESPAÇO PARA MIM AQUI. NÃO CONSIGO RESPIRAR

Figura 12 - Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Glória (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni e Steh S. 2021

NÃO TEM ESPAÇO PARA MIM AQUI. NÃO CONSIGO RESPIRAR

NÃO TEM ESPAÇO PARA MIM AQUI. NÃO CONSIGO RESPIRAR

Figura 13 - Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Glória (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni e Steh S. 2021

Tudo gira, meu corpo roda e enrola.

Um carrossel, uma roda gigante, uma tenda de lona, um trilho de trem.
Um looping ininterrupto, a visão embaça, o estômago aperta, a cabeça dói, o ouvido apita, as pernas adormecem.

Tonteia, treme, parece que vai vomitar. Parece que tudo ao redor está a cair, precipitar. Vertigem. Tensão pra não regurgitar, suspender a respiração, suspender o ar.

Lembranças, desejos, sonhos, medos.

3.3 Desenlouquecimento coletivo

Já sofri, já traumatizei, já surtei. Primeiro vem o trauma, depois o surto por causa do trauma e eu não morri, eu tô aqui, então o que eu vou fazer para continuar existindo? Tentativa de encontrar outras formas de resistências, descobrir um jeito de falar, um jeito de manifestar, um jeito de reclamar e formar possibilidade. Busca de uma correção coletiva, conseguir criar novas conexões.

Dar voz, materialidade para esse sofrimento, para esses traumas gerados nesses corpos que são rejeitados. Pesquisar no corpo o que é das entranhas.

Dança da alma, dança das entranhas, dos movimentos internos e externos que se enlaçam no momento presente trazendo o passado e o futuro. Um corpo permeável, poroso, que transpira a emoção e o sentimento do viver, na sua mais profunda intensidade.

Fazer fluir, dar forma à subjetividade das violências, aos sofrimentos causados a esses corpos. Micropolíticas onde a gente vai denunciar, vai mostrar, vai falar:

OLHA, TÁ VENDENDO O QUE VOCÊ FAZ?
OLHA AQUI O QUE VOCÊ NÃO QUER VER, O QUE TÁ JOGANDO PRA FORA, O QUE TÁ JOGANDO PRA MARGEM, PRO LIXO!

Figura 14- Carteirinhas de antigos internos do Hospital Psiquiátrico N. Sra. da Glória (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni e Steh S. 2021

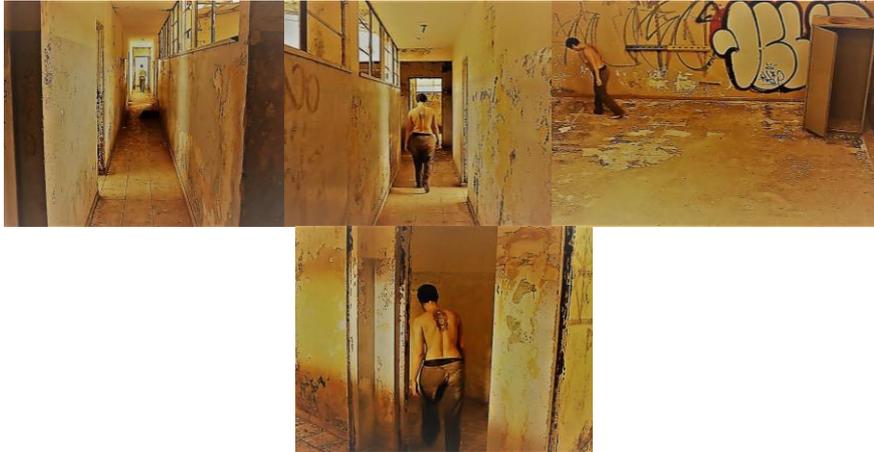
EU ACHAVA QUE NÃO EXISTIA MAIS, EU TAVA COMPLETAMENTE DESCONECTADA

Como criar outras conexões com outros corpos que também estão em ressonância com aquilo que estou sentindo, nessa tentativa de estar existindo? Alguma forma no corpo, na dança, de trazer essa correção coletiva e viver numa meta-estabilidade. Nessa loucura, nesse caos, como existir com o caos. Eu já sei que é assim, o corpo é traumatizado. Os corpos são traumatizados. Mas como não ficar em surto o tempo todo?

Não tem um fim, tem uma busca. Esse fim é uma busca de possibilidades e nessa busca de possibilidades às vezes a gente retorna ao surto, a gente retorna ao caos, mas a gente não desiste.

INSISTÊNCIA INFINITA DE CRIAR POSSIBILIDADES NO MEIO DISSO TUDO
Carvão em combustão
brasa
pulsa a brasa no vermelho negro que respira
arde mas não queima
conecta com o ar que respiro
caminho

Figura 15 - Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Glória (Desativado)



Fonte: Matteo Nanni e Steh S. 2021

Aqui investigo o corpo insistente e resistente, a partir da pergunta:

COMO UM CORPO MARGINALIZADO, REJEITADO, BEIRANDO A LOUCURA CRIA ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA/SOBREVIVÊNCIA?

Palavras-chave do mapa mental e frases que acionam o movimento corporal para compor uma apresentação de investigação em dança.

Performance Ditadura Social Padrões Individualidade Sensível Normatizações Sociais Instituições De Poder Mecanismo Regulador Delírio Readaptação Social Estigma Marginalidade Dança Corpo Abuso Favela Rejeitada Abandonada Pobre Mãe Solteira Puta

Traumas sociais coletivos que estão no meu corpo, mas que também estão, de muitas formas, em muitos outros corpos. Todos aqueles que não são aceitos, que são excluídos, não necessariamente estão institucionalizados, mas se encontram sob outras formas de exclusão que os coloca dentro continuando fora, ou seja, os mecanismos segregadores nos manipulam de forma a pensar que fazemos parte da sociedade enquanto fazemos parte somente da organização, distinção e manutenção do *status quo* vigente. Sou uma mulher preta de origem preta, de origem indígena, sou LGBTQIA+, artista, muitos estigmas que me colocaram dentro desta classificação louca, inferior, menosprezável, a-social, e que por muito tempo me fizeram permanecer ali, acreditando que aquele era o meu lugar, ou o de aceitação das normatizações na tentativa de me adaptar ao sistema.

Então, eu vou dançar todos esses lugares que me colocaram fora dos padrões de existência, eu vou agora afirmar como Potência a minha construção identitária, vou movimentar, transformar tudo isso que me oprime em algo que me potencializa, e vou chamar isso de:

DESENLOUQUECIMENTO COLETIVO

Figura 16 - RAÍZES



Fonte: Matteo Nanni e Steh S., Piraquara 2021

Figura 17: Ilustração de Alessandra Nara para TCC (2021)



quero abrir
abrir espaços para gerar
fecundar
continuar a dar vida ao ser
transformar
tornar fértil
gerar
me banho de mar,
mar de gente
mar de ossos
mar de nós
mar gigante,
que a lua reflete ao serenar,
a nós e as águas
corpo Infinito,
como a água que cai e corre
água que nasce na montanha
se entranha
encontra outros corpos
e rio se faz,
se engrandece e enfurece
e numa tromba d'água
enlouquece

Fonte: Poesia autoral, 2020

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FEIER, Aline Lemos. Razão e Desrazão: A História da Loucura de Michel Foucault. **Revista Ítaca**: Periódico acadêmico administrado e editado por discentes de Pós - graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, n.26, p.113-136, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/2406/2555>. Acesso em: 05 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRAGOSO, João Batista. Entrevista concedida à autora. Curitiba, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018. 476 p. Coletânea organizada e editada pela UCPA - União dos Coletivos Pan-Africanistas.

GONZALEZ Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *In* **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs: 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em 23 nov. 2021.

hooks, bell. **Vivendo de Amor**. 2010. Tradução de Maísa Mendonça. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

JACOBSEN, Andreza da Silva. Do estereótipo racial no movimento do Contestado: Uma discussão sobre o povo caboclo. **Revista Eletrônica Interações Sociais – Reis / Revista de Ciências Sociais**, Rio Grande - RS, v. 3, n. 1, p. 91-104, jan. - jun. 2019. Dossiê Relações Étnico-Raciais: experiências de conflito e lógicas de resistência. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/9163>. Acesso em: 17 ago. 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2005. Tradução Mônica Saddy Martins. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/342569/mod_resource/content/1/Nichols%20-%20Que%20tipos%20de%20document%C3%A1rio%20existem%3F%20.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

OLIVEIRA, Michelle Gusmão; MARQUES, Edmilson Ferreira. **O Documentário e suas Especificidades**. *In*: **CEPE - III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão Da UEG**. Inovação: Inclusão Social e Direitos. Pirenópolis - GO, 2016.

PRADO, Marcos. **Jardim Gramacho**. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. A Loucura em Foucault: Arte e loucura, loucura e desrazão. **História, Ciências, Saúde-**

Manguinhos, [S.L.], v. 20, n. 4, p. 1515-1529, dez. 2013. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702013000500005>.

RATZKE, Osmar. **HISTÓRIA DA PSQUIATRIA NO PARANÁ**. 2000. Psychiatry on line Brasil. Editor: Walmor J. Piccinini. Fundador: Giovanni Torello. Disponível em: <https://www.polbr.med.br/2019/04/08/historia-da-psiQUIATRIA-no-parana/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da cafetinagem**. 2006. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

ROLNIK, Suely. O Caso da Vítima: Para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. **Ars (São Paulo)**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 79-87, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-53202003000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/G8xmknNWRKhKkRZpSHJ9DGfQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2021.

VIEIRA, Marcus André. Lição 1: Estamira. *In*: Curso Livre do ICP-RJ. **Lições da Loucura**. Rio de Janeiro: Instituto Philippe Pinel, 2007. p. 2-24. Disponível em: http://litura.com.br/curso_repositorio/1_estamira_pdf_1.pdf. Acesso em: 26 nov. 2021.

Filmografia:

BICHO de Sete Cabeças. Direção de Laís Bodanzky. Roteiro: Luiz Bolognesi. Música: Arnaldo Antunes. Brasil/Itália: Buriti Filmes, Gullane, Dezenove Som e Imagens e Fábrica Cinema, 2001. (84 min.), son., color. Trilha sonora original: André Abujamra. Inspirado no livro "Canto dos Malditos" de Austregésilo Carrano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F6Yky54edpo>. Acesso em: 12 ago. 2021.

EM NOME da Razão. Direção de Helvécio Ratton. Produção de Tarcísio Vidigal. Roteiro: Antônio Simone e Helvécio Ratton. Música: Evandro Lemos. 1979. (25 min.), son., P&B. Gênero Documentário Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvjyjwl4G9c&t=144s>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Intérpretes: Estamira (Herself). Roteiro: Marcos Prado. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2004. (121 min.), son., color. Gênero Documentário Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uFQI3uGV7Ss&t=71s>. Acesso em: 12 ago. 2021.

HOLOCAUSTO Brasileiro. Direção de Armando Mendz Daniela Arbex. Roteiro: Daniela Arbex. São Paulo, SP: HBO, 2016. (90 min.), son., color. Gênero Documentário Nacional. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=5eAjshaa-do&t=4s>. Acesso em: 12 ago. 2021.

NISE: O Coração da Loucura. Direção de Roberto Berliner. São Paulo: Imagem Filmes Produtora Ltda - Epp; W Mix Distribuidora de Filmes, 2015. (108 min.), son., color. Gênero: Biografia, Drama, História.

Recebido em: 04/07/2024

Aceito em: 10/12/2024